

**Anais do
VI Seminário Multidisciplinar ENIAC Pesquisa 2014
VI Encontro Da Engenharia Do Conhecimento Eniac
VI Encontro De Iniciação Científica Eniac
VI Fábrica de Artigos**

PLÁGIO DISCENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

*STUDENT PLAGIARISM IN THE CONTEXT OF THE DISTANCE
EDUCATION/LEARNING*

Fábio Rocha Santos

Fábio Rocha Santos é doutorado pela Faculdade de Educação da USP-SP. Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Especialista em Formação de Professores em Educação a Distância pela Universidade Federal do Paraná - UFPR e em Gerenciamento de Redes de Computadores pela Universidade de Uberaba - UNIUBE. Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados pela UNIUBE. Atua como professor pesquisador na ENIAC, em Guarulhos, professor de Tecnologia da Faculdade Sumaré e no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, na Coordenação de Educação a Distância.

RESUMO

O plágio no meio acadêmico, no contexto da educação a distância é um problema complexo que vem se afirmando significativamente a partir do avanço das tecnologias contemporâneas de informação e de comunicação (TIC), em especial, a internet. Entretanto, o problema não está apenas no acesso a essas tecnologias, mas, também, na

forma e nas atitudes como são lidadas por parte das instituições de ensino, dos alunos e, sobretudo, dos métodos de ensino dos docentes. Nesse sentido, este artigo aborda a questão do plágio discente na modalidade de educação a distância, tendo em vista ser este problema uma das principais objeções levantadas à aceitação desta modalidade de educação, colocando-a, também por este motivo, em posição de descrédito. Para tanto, fez-se uma revisão de literatura, analisando as fraudes e plágios nos ambientes virtuais de educação, correlacionando seus índices com

diferentes propostas de avaliação. Em seguida, por meio deste levantamento, buscou-se apontar meios que pudessem minimizar este problema, tendo em vista uma proposta de avaliação mais diversificada, sistematizadamente elaborada, instigadora e que seja centrada no aluno, levando-o à reflexão, à conscientização e à capacitação, tornando-o mais ético e autônomo do seu próprio saber, garantindo, assim, maior credibilidade aos modelos de educação a distância e, conseqüentemente, uma aprendizagem mais significativa e melhor desempenho acadêmico.

Palavras-chave: Plágio, Ensino à Distância, Avaliação.

ABSTRACT

Plagiarism in the academic in the context of the distance education/learning environment is a complex problem that has been increasing significantly since the advance of communication and information technologies, in particular the internet. However, the problem is not only the access to these technologies, but it is also due to the way teaching institutions deal to them, as well as students' attitudes, and especially, teacher's methodology. Accordingly, this article addresses the issue of student plagiarism in education distance modality, considering that this problem is one of the main objections raised against the acceptance of this type of education, placing it also for this reason, in a discredited position. A literature revision was done, analyzing the frauds and plagiarism in the virtual environment of education, correlating their levels with different proposals

of evaluation. Therefore, a literature review was made, by analyzing fraud and plagiarism in virtual environments for education correlating its contents with different proposals for evaluation, bearing in mind a more diversified proposal of evaluation, systematically elaborated, instigating and student-centered; leading student's to reflection, to the awareness and qualification, making him to be more ethical and autonomous of his own knowledge, ensuring a bigger credibility to distance teaching models and, consequently, a more meaningful learning and better academic performance.

Keywords: Plagiarism, Distance Education, Evaluation.

INTRODUÇÃO

A avaliação está presente na vida humana e se realiza a todo o momento dentro e fora do âmbito escolar. Atualmente, muito se tem discutido sobre a avaliação da aprendizagem, partindo-se do pressuposto de que a avaliação deve nortear o processo de ensino aprendizagem, pois é por meio desta ferramenta que se permite dosar o grau de conhecimento adquirido pelos alunos, além de verificar possíveis falhas no processo pedagógico e institucional.

Entretanto, esta avaliação não deve ser encarada de forma classificatória e repreensiva. O professor deve, pois, estabelecer com o aluno constante diálogo, procurando entender como ele pensa e porque pensa dessa forma, para assim conseguir melhor ajudá-lo na construção dos seus conhecimentos.

Este processo de interação entre professores e alunos é, sem dúvida, importante aspecto no que concerne à avaliação em cursos presenciais, porém, quando se refere a cursos a distância, este aspecto se torna ainda mais relevante, tendo em vista que alunos e professores não se encontram presentes fisicamente na mesma hora e no mesmo espaço geográfico. Dessa forma, esta lacuna deve ser preenchida por meio de métodos avaliativos ainda mais bem elaborados e sistematizados, de maneira que a aprendizagem deste aluno não fique prejudicada.

Atualmente, a EAD tem crescido muito e o número de alunos matriculados em cursos a distância vem aumentando a cada dia, pois possibilita estes alunos a ter acesso ao estudo superior, e os motivos principais de não ter acesso ao estudo presencial são como a indisponibilidade de tempo, moradia em regiões onde não se tem acesso ao ensino presencial, financeiro e dentre outros.

Todavia, muito se tem discutido sobre a qualidade destes cursos, sendo que uma das principais objeções de aceitação destes cursos se refere ao plágio e fraudes. Muitos acreditam que, pelo fato do professor não estar presente fisicamente na sala de aula, juntamente com o aluno, o plágio se torna mais fácil. Outro aspecto que deve ser levado em conta é que, a EAD é totalmente voltada para conteúdos multimídia *online*, sendo a internet seu principal meio de comunicação, interação e troca coletiva de informações, independente do tempo e distância física.

Tendo em vista esta capacidade de disponibilizar de forma dinâmica e democrática a informação, numa proposta horizontal, a internet é tida não somente como um grande

avanço da tecnologia, mas também como um dos grandes problemas da era digital, sendo o plágio considerado como um dos principais problemas no meio acadêmico desta fase moderna.

Desta forma, esta pesquisa surgiu a partir da necessidade de buscar meios que possam minimizar problemas relacionados às fraudes e aos plágios enfrentados pelos cursos a distância, tendo em vista que estes afetam não somente a EAD, mas também a educação presencial.

Assim, é de suma importância analisar as fraudes e os plágios nos ambientes virtuais de educação, identificando suas causas e possibilidades, correlacionando seus índices com diferentes propostas de avaliação e, por meio destes, buscar meios que possam minimizar este problema. Para isso, é necessária uma proposta de avaliação mais diversificada, bem elaborada, instigadora e que se centre no aluno, levando-o à reflexão, conscientização e capacitação, tornando-o mais ético e dono de seu próprio saber. Acredita-se que assim seja possível minimizar o índice de fraudes e plágios em cursos a distância, garantindo maior credibilidade aos pesquisadores e, conseqüentemente, proporcionando uma aprendizagem mais significativa e de melhor desempenho acadêmico.

Trata-se de um artigo de revisão de literatura e de caráter qualitativo. Para fundamentação da pesquisa, utilizou-se análise minuciosa em bases de dados *online* e bibliotecas virtuais, como o Scielo, Portal de Periódicos da Capes, Domínio Público e entre outros.

1. O que se espera de uma avaliação contextualizada

Até meados da década de 1970, a avaliação no Brasil era calcada na teoria das medidas, onde se mensurava a aprendizagem, considerando apenas os resultados finais de uma etapa ou de um processo, ou seja, avaliação somática. No início da década de 1980, começaram a surgir movimentos de análise crítica, como modelo técnico e reprodutivista, porém, apenas a partir de 1990, é que se buscou uma avaliação que se relacionasse com propósitos educativos e pedagógicos, ou seja, uma avaliação formativa (OLIVEIRA et. al. 2005).

Neste modelo de avaliação formativa, o objeto deixa de ser centralizado nos resultados obtidos e se situa, prioritariamente no processo de ensino e de aprendizagem, tanto do grupo/classe como de cada um dos alunos. Por outro lado, o sujeito da avaliação não apenas se centraliza no aluno, como também na equipe que intervém no processo, proporcionando constante *feedback* entre professor e o aluno (ZABALA, 2005).

Desse modo, a avaliação tem como propósito principal recolher informações que possibilitem estabelecer uma correspondência entre os dados obtidos e os objetivos propostos, a fim de que o professor possa verificar o desenvolvimento do aluno em relação ao trabalho executado, orientando-o assim para uma tomada de decisão em relação às atividades seguintes. Os erros são aproveitados como fontes de informação visando a sanar dificuldades do aluno (SILVA, s.d).

Esse acompanhamento que o professor estabelece com o aluno, em relação

às atividades propostas é imprescindível em cursos a distância, visto que professor e aluno estão separados fisicamente, o que na visão de muitos facilita a questão das fraudes e plágios. Assim, a avaliação não só na EAD, mas em todas as modalidades de ensino, deve ser muito bem elaborada e diversificada, a fim de mesclar o modelo avaliativo, tendo em vista que alguns alunos apresentam limitações e facilidades em determinados métodos de avaliações.

Visando à importância e relevância da avaliação na EAD, observa-se que por meio de uma proposta de avaliação bem estruturada, diversificada e contínua é possível minimizar o índice de fraudes e plágios em cursos a distância, garantindo assim maior credibilidade. Dessa forma, Palloff e Pratt (2004) fundamentam muito bem esta teoria:

"A atenção destinada às fraudes e ao plágio nos momentos avaliativos de cursos a distância pode ser minimizada quando se trata de uma proposta bem construída, centrada no aluno, na comunidade e também no incentivo à capacitação e à reflexão. Além disso, incluir trabalhos que incentivem o pensamento crítico e a colaboração, em vez do individualismo e da competição, também diminui as possibilidades de "cola." Nesse contexto, é preciso que os alunos sejam levados a refletir sobre o ato da fraude, de maneira que percebam que, ao realizar essa prática, eles estão fraudando não apenas a proposta de estudo, mas, sobretudo, sua aprendizagem e o seu desempenho acadêmico".

2. Plágio: tipos e incidências

Segundo Oliveira *et al.* (2008), o plágio pode ser direto, quando a cópia é feita palavra por palavra, de uma outra fonte, sem dar crédito ao verdadeiro autor; por referência,

neste caso, o plagiador realiza cópia de parte ou de todo um texto, mudando-se algumas palavras; por último, o tipo mosaico, sendo este o mais comum e o mais difícil de se detectar. Neste caso, a cópia não é feita diretamente, uma vez que o autor utiliza vários textos diferentes, alterando algumas palavras e sentenças, recompondo-o, sem dar crédito aos autores originais.

Existe também o plágio intra-corporal. Neste caso, um sujeito copia o texto de outro, quando ambos estão realizando o mesmo texto. E o extra-corporal, quando o sujeito copia de fontes externas como livros, artigos científicos, revistas, internet e dentre outros (FRANCO, MELANEZ e SANTOS, 2008).

De acordo com Park (2003), existe o plágio intencional, quando o aluno tem a intenção de enganar, sendo este premeditado. Há também o plágio acidental ou não intencional, quando o aluno não conhece as formas adequadas de referenciar os autores. Mas independente do tipo e de como o plágio é tratado, o respeito e a ética devem sempre prevalecer.

A incidência de plágio é variável de estudo para estudo. De acordo com Karlins et al. (1988), a menor incidência relatada foi de 3%, sendo esta observada em um estudo de ensino médio e na modalidade presencial. Por outro lado, Hollinger Lanza e Kaduce (1996), observaram um índice de plágio de até 75% entre estudantes de graduação de universidades públicas, sendo esta também na modalidade presencial. Já o estudo, realizado por Breen et al. (2005) demonstrou que 50% dos alunos universitários já plagiaram. Já Alam (s.d) apontou um índice de 81% de plágio entre os estudantes australianos.

Ferraz Silva (2008), em um outro estudo, realizado na universidade do Estado da Bahia, observou que 36,84% dos alunos já plagiaram. E que, embora 21% plagam, não assumem claramente e 41,1% dizem não serem a favor do plágio.

De acordo com Diekhoff *et al.* (1996), o plágio prevalece em estudantes homens e em alunos mais novos, fato este que se deve ao nível de maturidade dos pesquisadores. Alguns estudos também apontam para menores índices de plágio em alunos de pós-graduação, quando comparados com os de graduação, tendo em vista que estes não realizam citações adequadamente, devido ao despreparo que carregam consigo desde o ensino fundamental.

Através dos estudos, percebe-se que o plágio não é evidente apenas na EAD, mas também no ensino presencial, problema este que vem se difundindo em uma velocidade incontrolável. Esta difusão atinge estudantes de ensino fundamental, médio, graduação e pós-graduação, instituições públicas e privadas, grandes e pequenas, instituições nacionais e internacionais, estudantes do sexo feminino e masculino. Há variações no índice de plágio de caso para caso, mas o que não se pode deixar de observar, é que o plágio está muito presente no meio acadêmico, e achar uma solução que resolva este problema tem sido um grande desafio nos dias atuais.

Muita atenção deve ser dada não apenas ao fato do plágio intencional, mas sobretudo, ao plágio acidental ou não intencional. Neste caso, cabem as próprias instituições acadêmicas, criarem meios que possam esclarecer e orientar seus alunos quanto às corretas formas e a importância da citação.

3. Relação entre tic e plágio na EAD

Quando se pensa em plágio no meio acadêmico, muitos se perguntam: de quem é o problema? Ou melhor, com quem está o problema? A maioria já pensa na TIC, até porque, em muitos casos vividos, presencia-se situações em que professores exigem dos seus alunos a realização de atividades manuscritas e não em formato eletrônico.

Realmente não se pode negar que a disponibilidade e facilidade de plagiar, por meio do avanço da tecnologia. Muitos alunos consideram uma tentação difícil de resistir, pois basta um pequeno esforço e um conhecimento mínimo de navegação da internet para buscar tais trabalhos. Este elemento se agregam à familiaridade com que os jovens e adolescentes tratam as atuais tecnologias. Eles nasceram em uma época em que esta realidade tecnológica domina, não sendo mais novidade, sendo chamados, inclusive, de 'nativos digitais' (ABRANCHES, 2008).

Para Park (2003), o problema do plágio tende a piorar uma vez que estes alunos nasceram na época da era digital e ingressam na faculdade em meio a tantas possibilidades de realizar cópias sem mencionar as suas fontes originais. Assim, transitar pelo emaranhado de caminhos virtuais disponíveis é uma prática assimilada não só ao cotidiano, mas ao modo de ser destes jovens. Em 1999, apenas 13% dos alunos utilizavam internet, em 2003, este índice aumentou para 41%.

De acordo com Sureda *et al.* (2009), o plágio já existe desde os tempos antigos, mas a partir dos anos 1990, este problema se tornou alarmante, devido especialmente aos

meios tecnológicos disponíveis no mercado como: internet, computador e dentre outros. E ainda afirma que a internet se tornou a principal fonte de trabalhos acadêmicos de estudantes universitários e, conseqüentemente, a principal fonte de plágio.

Ferraz Silva (2008) salienta ainda que a internet é um caminho fácil e veloz, e aparentemente, todo o conteúdo *online* parece ser público, o que gera muitas dúvidas nos alunos, fazendo com que a maioria não dê crédito ao autor original do texto. Reafirma ainda que os hipertextos digitais vêm se tornando a maior fonte de busca de informações e conhecimento entre os graduandos.

Estes hipertextos são úteis para suprir a falta de tempo para exaustivas pesquisas bibliográficas, pela variedade de opções oferecidas pelos *links*. Eles funcionam como suporte para melhoria da construção dos argumentos, embasamento teórico, esclarecimento de dúvidas em relação a determinados conteúdos, facilitar as atividades acadêmicas e para suprir a falta de livros nas bibliotecas das universidades. Dessa forma, é notório que a maioria dos alunos prefira este tipo de busca (FERRAZ, 2008).

A proliferação de opções no mundo virtual, além de gerar dispersão, dificulta o acompanhamento do que está sendo feito, favorecendo a idéia de obter algo pronto, acabado e supostamente de qualidade. Assim, a estratégia de copiar e colar se mostra como o caminho mais fácil, amparado na imensidão de opções e, com isso, os alunos tendem a não construir uma aprendizagem significativa e sólida (ABRANCHES, 2008).

Outro aspecto que deve ser considerado é que o mundo digital é mutável,

manipulável, fazendo com que, um dado texto, por exemplo, seja passível de ser transformado, modificado, iludindo assim o leitor quanto à sua autoria. Esta característica retira a ideia de fixação de uma determinada obra, uma vez que ela pode ser facilmente fragmentada e usufruída (ABRANCHES, 2008).

Atualmente, já existem no mercado vários tipos de detectores automáticos de plágios. Ao mesmo tempo em que a internet facilita e simplifica o plágio e as fraudes, também oferece meios que os detecta. O *Turnitin*, um software, é hoje o principal detector de plágio, sendo utilizado por muitas universidades, a fim de reduzir a incidência de plágio.

Ele se trata de um sistema totalmente *online* que passeia pela internet identificando *sites* e bases de documentos que contenham trechos idênticos a um trabalho submetido à avaliação de plágio e, ao final do processo de varredura, emite um relatório de originalidade desse trabalho. A instituição de ensino cria um espaço a ser usado por seus alunos e professores por meio de um cadastro. O Sistema *Turnitin* pode, inclusive, ser integrado a ambientes de EAD como o *Moodle* e o *WebCt* (OLIVEIRA, s.d). Todavia, de acordo com um estudo realizado por Crisp (2007), em uma universidade australiana, 64% dos docentes utilizam o *Turnitin* para detectar o plágio, porém, apenas uma minoria fazia uso dele de forma eficaz.

4. O papel das instituições de ensino superior e das escolas de ensino fundamental e médio em relação ao plágio

E as instituições de ensino superior, ou mesmo as escolas de ensino fundamental e médio? Onde fica sua parcela de culpa? É evidente que o plágio não é algo novo, que apesar de se tornar alarmante a partir da década de 1990, já existe há tempos, quando eram feitas cópias imensas das antigas enciclopédias juvenis. As gerações são diferentes, mas as práticas são semelhantes. A diferença está muito mais na forma e na dinâmica do que no conteúdo e na aprendizagem (ABRANCHES, 2008). **Erro! Indicador não definido.**¹. Assim, como afirma Park (2003, p.473), “Plágio não é um fenômeno novo, a cópia de outros escritores é, provavelmente, tão antiga quanto à escrita em si [...]”

A escola trata a leitura e a escrita de forma não reflexiva e desconectada com a vida, que se torna distante de uma sociedade industrializada, informatizada e midiaticizada, favorecendo assim a não formação de leitores e, conseqüentemente, de autores, donos de seu próprio pensar e saber (FERRAZ, 2008), assim como afirma Chartier (1994, p.155):

“A leitura escolar é artificial, praticada por meios de texto fabricados para se fazer ler, enquanto a leitura social é autêntica, praticada em situações onde o leitor sabe por que ele precisa ler. A leitura escolar é arcaica, veículo das representações do mundo que estão ultrapassadas, enquanto a leitura social se prende à atualidade, à realidade motriz do mundo contemporâneo. A leitura escolar é uma leitura congelada, ritualizada, repetitiva, que impõe a todo mundo as mesmas

maneiras de se ler [...], ao passo que a leitura praticada na sociedade é uma leitura individual, visual, rápida, onde cada qual pode ler como quiser e o que quiser em função de seus interesses próprios e do tempo de que dispõe".

A escola, ao invés de formar sujeitos de pesquisa que tomam a palavra de uma posição autorizada, pode formar apenas seres apáticos, reprodutores de saberes produzidos por outrem, isto é, fracassados intelectualmente, plagiadores (FERRAZ, 2008). Diante disso, pode-se dizer que a escola tem sido conivente com essa situação.

Os alunos são acostumados nas séries iniciais a fazer cópias na íntegra de textos de livros e enciclopédias, e isso sempre foi aceitável pelos professores. Entram na universidade ainda com essa consciência reduzida, motivada pela cultura da cópia, que lhes foi pregada durante toda a vida escolar. Nesse ambiente, entram em contato com outro meio da pesquisa ainda mais dinâmico e rápido que os livros, à internet. É por meio do contato com esse novo artifício que se deslumbram com as múltiplas possibilidades e a facilidade que ele lhes proporciona os estudantes acadêmicos fazem o uso errôneo dessa tecnologia (FERRAZ, 2008).

A escola propõe produção de textos com a finalidade de se fazer a correção para a obtenção de uma "nota", dando ênfase apenas para uma avaliação somativa, e não para socialização do conhecimento e divulgação científica, distanciando assim do objetivo de formar autores. Tanto a leitura como a escrita são tarefas obrigatórias e mecânicas, pois os alunos não refletem sobre o que leem e muito menos sobre o que escrevem (FERRAZ, 2008). O sistema de ensino 'premia' o resultado e não o processo de aprendizagem,

ou seja, enfoca mais na avaliação somativa do que na formativa, fazendo com que o aluno deixe de criar, pensar, inovar, tornando-se menos dinâmico.

De acordo com Sureda *et al.* (2009), uma das importantes causas de plágio é o excesso de competitividade entre os alunos, levando-os a buscarem uma maneira de obter o melhor resultado, ou seja, a melhor pontuação. Esta necessidade faz com que tais alunos busquem trabalhos prontos na internet, por acharem que aquele trabalho tem maior valor do que um produzido por ele mesmo.

O modelo de aprendizagem deve ser modificado, possibilitando que alunos aprendam sobre a escrita acadêmica por meio da descoberta e exploração. Dessa forma, torna-se necessário modificar a prática de produção de texto nas escolas e também nas universidades, para que a voz e a função do autor se concretizem, sendo este um desafio árduo imposto aos professores (EAST, 2006).

Há uma necessidade de se pensar em uma nova escolarização, tendo a *cibercultura* como contexto da produção de identidades coletivas, assim que se pode falar em educação *online* para aprendizagem colaborativa. Nestes novos modelos educacionais, a proposta pedagógica não torna a presença de cada aluno como exclusiva e sim como participante do processo e, portanto, constituidora da identidade que se está construindo (ABRANCHES, 2008).

Neste contexto, a autoria deve ser pensada como resultado da aprendizagem colaborativa. Tal autoria é, pois, coletiva, mesmo que não seja necessariamente conjunta. Ao dizer isto, coloca-se a questão da autoria muito mais na proposta do que propriamente no fazer, sem querer desprezar

o resultado, mas o entendendo como elemento desta proposta pedagógica (ABRANCHES, 2008).

De acordo com Norris (2007), o plágio deveria ser evitado no âmbito pedagógico por meio de um diálogo consciente, em que os alunos pudessem se envolver no desenvolvimento de atividades anti-plagiaristas. As universidades deveriam também oferecer fóruns, debates, palestras que definissem o plágio como um problema complexo, promovendo, assim, conceitos de integridade acadêmica.

Além disso, as universidades devem divulgar materiais e recursos tanto para os alunos como também para os professores, a fim de aumentar a consciência frente ao problema. Devem também envolver funcionários da biblioteca para promoverem encontros com alunos com o intuito de repassar a eles as adequações referentes às citações. Outro aspecto negativo é a falta de recursos nas universidades, como bibliotecas disponíveis para pesquisa, levando o aluno a plagiar trabalhos da internet (ALAM, s.d - NORRIS, s.d).

Outro fator definido por Sureda et al. (2009) em relação ao plágio se refere ao empobrecimento da relação professor-aluno, devido ao fato da superlotação das salas de aula e, no caso da EAD, há muitos alunos para poucos tutores, o que faz com que a maioria destes não consigam acompanhar as necessidades dos alunos.

As instituições de ensino devem repensar o problema do plágio como um problema complexo assim como cita Park (2003, p.483):

"A prática do plágio é um grande desafio para a integridade das instituições acadêmicas e uma grave ameaça à garantia da qualidade institucional, deve ser levada em conta na elaboração e execução de aprendizagem institucional, ensino e estratégias de avaliação".

Observa-se também que não se têm normas e diretrizes rigorosas coerentes e consistentes que proíbam o plágio, tornando-se difícil para o professor tomar algum tipo de decisão quando se depara com um trabalho plagiado (NORRIS, s.d).

Outro fato importante é que cada país lida com o plágio de forma diferente. Na cultura ocidental é visto com mais seriedade. Nos Estados Unidos, o autor do plágio está sujeito a punições acadêmicas. Já em países de língua inglesa, as pessoas acreditam que ideias e expressões escritas podem ser possuídas. Quando um autor escreve uma determinada sequência de palavras ou frases expressando determinado pensamento, esse autor, de fato, é dono de tais construções e ideias. Portanto, a utilização de tais palavras sem a devida atribuição ao autor se configura roubo (VASCONCELOS, 2007).

Essa questão é bem diferente, por exemplo, da visão chinesa de que palavras e ideias pertencem à cultura e à sociedade e devem ser compartilhadas entre os indivíduos. Em países como Singapura e China, a autoria e a originalidade não são valorizadas como no ocidente (VASCONCELOS, 2007). Por isso, torna-se difícil impor políticas que tratem o plágio de maneira justa e coerente.

5. Alunos x plágio

O aluno, na maioria das vezes, carrega a culpa sozinho, quando comete um plágio, porém, nem sempre esta culpa deve ser atribuída exclusivamente a ele. Muitas vezes, o plágio é acidental ou não intencional (SUREDA, 2009). Por outro lado, muitos alunos cometem o plágio intencionalmente.

De acordo com Norris (2007), os alunos plágiam por questões de estresse, pressão por parte dos pais, medo do fracasso, muitos se acham despreparados para realizarem seus próprios trabalhos, não possuem capacidade de pensamento crítico e apresentam dificuldades ao expor suas ideias. Outro importante aspecto é a complexidade dos trabalhos exigidos pelos professores, fazendo com que muitos alunos procurem por formas mais fáceis de realizá-los, adotando, assim, a lei do menor esforço.

Outro fator é a pressão por resultados por parte dos professores, que levam os alunos a produzirem trabalhos que estão acima de suas possibilidades e aplicando trabalhos longos para serem entregues em curtos períodos de tempo. Diante disso, a falta de tempo de alguns alunos que sempre deixam o trabalho para o último dia também é outro aspecto relevante. Não se pode esquecer o fato de alguns alunos acharem o curso ou a disciplina irrelevante, além de não se sentirem motivados para realizarem tais trabalhos (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2008).

Park (2003) aponta que as atitudes pessoais são causas importantes de plágio. Alguns alunos se sentem bem ao plagiar, sentem-se prazerosos ao demonstrar discordância e confrontar o sistema de ensino. Muitos consideram que as vantagens do plágio

superam os riscos, além de acharem que o professor não conseguirá descobrir se o trabalho realmente foi plagiado.

No caso do plágio não-intencional, o que geralmente acontece é uma falta de compreensão das formas corretas de citar, parafrasear, referenciar, desconhecem as regras de elaboração de trabalhos acadêmicos. Muitos alunos não diferenciam o que é de conhecimento comum e o que precisa ser referenciado, acham que todo material disponível na internet é de uso público (SUREDA, 2009). Na visão de Norris (2007), a ignorância é o fator chave para a ocorrência de plágio. Os estudantes entram nas universidades despreparados para lidarem com regras de escrita acadêmica, não têm uma noção clara sobre a atividade de cópia indevida e não se conscientizam que sua atitude é incorreta.

6. Repensando sobre o papel do docente em relação às causas de plágio discente

O discente, em muitas situações, realmente possui grande parcela de culpa em relação ao plágio, mas não pode esquecer-se do docente, a quem é atribuída, grande parcela de culpa, devido aos métodos e estratégias de ensino. O ponto principal a ser analisado neste cenário não está especialmente no trabalho que foi plagiado, mas sim, na atitude do docente, em aceitar um trabalho deste tipo e, posteriormente, em não analisar a proposta de ensino que esta sendo imposta a este aluno.

Deste modo, ao receber tal trabalho, o professor deve se perguntar sobre o que foi proposto ao aluno e o modo como isto foi feito.

Sem dúvida, os motivos estarão relacionados a esta proposta, ficando evidente a raiz da questão. Se o aluno não foi convocado para ser autor-colaborador da atividade, ele não irá estabelecer nenhuma relação de identificação, pois não precisa se comprometer em produzir algo que seja dele, ou a partir dele (ABRANCHES, 2008).

É preciso então que a proposta pedagógica seja pensada em um paradigma em que aluno e professor sejam autores e colaboradores da produção do conhecimento. A questão não pode ser resumida a uma única atividade pontual, a um único trabalho acadêmico, deve-se possibilitar que se olhe para o processo e não somente para o resultado final (ABRANCHES, 2008).

Um dos pontos importantes para a redução dos índices de plágios é manter-se boa relação de confiança entre aluno e professor. Os alunos que mais plagiam no meio acadêmico são aqueles que consideram que os professores não abordam o tema do trabalho com interesse, não leem o trabalho de forma criteriosa, que não se “importam” com o plágio e não aplicam trabalhos desafiadores. Muitos docentes fecham seus olhos para este mal que está se tornando uma epidemia mundial (PARK, 2003).

Para muitos alunos falta clareza nas instruções por parte dos professores ao se solicitar um trabalho, os trabalhos geralmente são teóricos e complicados, ocorre uma má supervisão deste trabalho solicitado, a nota do trabalho final geralmente é desestimulante para os alunos, desprezando com isso o esforço de quem realmente elaborou seu próprio texto. Alguns alunos consideram os professores ingênuos, ocorre também uma falta de integração com outros professores do

curso, acarretando com isso acúmulo de atividades exigidas, tudo isso leva o aluno a recorrer ao plágio (SUREDA, 2009).

7. O poder dos professores quanto à minimização das incidências de plágio no meio acadêmico

O professor é um dos grandes responsáveis pelo plágio no meio acadêmico, torna-se também o principal detentor do poder de minimizar este problema complexo e crítico. Cabe a cada um desenvolver práticas reflexivas que leve o aluno a tornar-se mais ético, crítico e consciente de seus atos.

É necessário que o professor, ao contrário de ignorar a apropriação, expropriação de textos, possa implementar ações que venham a convergir para um novo paradigma no aprendizado, através de um processo interativo e ético (FERRAZ, 2008).

Entende-se que cada texto que nasce mantém relação com outros textos. Um texto se liga a infinitos outros, eles se cruzam e entrecruzam no espaço e no tempo e os hipertextos abrem caminhos para a leitura e a escrita. Os textos são construídos sob a soma total de vozes anteriores, de forma que o autor original reflita e comente sobre outros trabalhos de outros autores. A isso não se dá o nome de plágio. É neste sentido que professores devem trabalhar com seus alunos para que consigam elaborar seus próprios textos fundamentados em tantos outros (FERRAZ, 2008).

Professores devem orientar seus alunos a organizarem seu próprio tempo, encontrar referências relevantes, melhorando assim sua qualidade de escrita. Devem também criar ambientes que estimulem a

aprendizagem por meio da comunicação de sentidos, onde os alunos criem o hábito de contestar e debater as ideias e palavras dos autores de livros e artigos, e não apenas copiá-las. Os textos devem ser usados para apoiar as próprias ideias do aluno e torná-las mais convincentes (NORRIS, 2007).

Para muitos autores, a questão do plágio esta intimamente ligada à falta de *feedback* apropriado e mal-entendimento dos critérios de avaliação. Um estudo realizado por Crisp (2007) demonstrou que a maioria das universidades australianas exige que professores deem avisos específicos aos alunos, em especial aos ingressantes, sobre o plágio, como seus mecanismos de detecção, prevenção, punição, suas implicações, conseqüências e dentre outros.

Esta é uma forma de se prevenir o plágio ao invés de detectá-lo e punir os alunos. Para os professores provar a existência de plágio de forma clara é uma tarefa difícil, deve-se evitar o problema por meio da orientação educacional, gerando consciência constante nos alunos (ALAM, s.d.). Para Macdonald (2006) não se deve punir o aluno pelo plágio, mas sim “reabilitar o agressor”, fornecendo meios pelos quais ele possa evitá-lo no futuro.

Norris (2007) argumenta que o professor deva dar um *feedback* positivo ao aluno, incentivando-o, deva elogiar suas citações corretas e apontar seus erros. Estimular a análise, correlação e síntese de ideias.

Sabe-se que o plágio é um problema complexo que necessita ser trabalhado continuamente e conscientemente pelos professores, e um desses aspectos a serem trabalhados se refere à avaliação. Segundo Park (2003), determinados tipos de trabalhos

são mais fáceis de plagiar, e ainda Alam (s.d, p.49), argumenta que “todas as formas de avaliação estão sujeitas ao plágio, porém, a ocorrência do mesmo varia de acordo com as diferentes formas.” Assim, cabe aos professores proporem avaliações bem elaboradas, diversificadas, instigadoras e que se centre no aluno, levando-o a reflexão, conscientização e capacitação, tornando-o mais ético e dono de seu próprio saber, minimizando assim o plágio.

Um estudo realizado por Norris (2007), na Universidade Internacional de Fukuoka no Japão, demonstrou que um professor ao se deparar com vários trabalhos plagiados de seus alunos, propôs uma reformulação das avaliações a cada ano, reduzindo assim aproximadamente 10% do índice de plágio de um ano para outro.

Outro estudo realizado por Crisp (2007), na Universidade de Adelaide na Austrália, demonstrou que 74% dos professores utilizam tarefas avaliativas como um mecanismo pedagógico a fim de reduzir o plágio, ao passo que, apenas 64% utilizam os programas detectores de plágio.

São necessárias mudanças nas práticas avaliativas a fim de se reduzir o plágio, para isso deve-se incentivar a avaliação formativa de aprendizagem, assim como explica Macdonald (2006, p.243):

“Não se encontrará uma solução única para o plágio, mas poderia basear-se toda a discussão do setor sobre a natureza da aprendizagem e da avaliação. Muitas vezes a avaliação é vista como sendo “de aprendizagem”, ou seja, a geração de marcas somativas, ao invés de ser “para a aprendizagem”, fornecendo feedback e gerando significativas tarefas de aprendizagem”.

Na avaliação somativa os alunos se preocupam apenas em ganhar “marcas”, ou seja, nota. Ao olhar para as causas subjacentes de plágio, deve-se propor uma nova reflexão sobre a avaliação, os papéis e responsabilidades de todos os participantes do processo de aprendizagem.

Segundo Smith (s.d.), para que não ocorra plágio no meio acadêmico os professores devem reformular as atividades a cada semestre, assim como afirma Norris (2007); devem propor atividades que exija reflexão pessoal por parte dos alunos sobre um problema, tecendo críticas à literatura a partir de suas experiências de vida e eventos atuais; evitar perguntas que são genéricas e atividades descritivas.

Estudos realizados na Austrália, com base na aplicação de um questionário entre os alunos da Faculdade de Engenharia da Universidade de Canberra fornecem dados que sugerem que, quanto mais teórico e descritivo for o trabalho, mais provável será a ocorrência de plágio (ALAM, s.d).

Cabe ao professor incentivar a construção progressiva de uma boa revisão de literatura para que se obtenha, conseqüentemente, um bom trabalho final. Deve-se solicitar a apresentação oral dos trabalhos que foram redigidos e, o mais importante, avaliar não somente o trabalho final, mas todo o processo de andamento, assim como suas etapas (SMITH, s.d).

Desta forma, o professor além de promover uma avaliação formativa, cria uma relação de interação entre aluno-professor, promovendo confiança entre ambos e fazendo com que seus alunos respeitem seu trabalho. Para Alam (s.d. p.55) “[...] os professores devem evitar atividades que incentivem a

“cola”, devem criar ambientes que estimulem a aprendizagem [...]”

No caso de instituições que possuem detectores automáticos de plágio, um bom método para que os alunos não entreguem seus trabalhos plagiados, é deixar que eles lidem com estes detectores de forma que possam verificar seus trabalhos, refazê-los quantas vezes forem necessários até sua entrega final. Esta é uma forma não só de promover uma avaliação formativa, mas fazer com que os alunos se auto-avaliem, conscientizem e se tornem mais éticos, o que parece estar banido do meio acadêmico (SUREDA, 2009).

Professores devem, a cada início de semestre, falar um pouco sobre o plágio, tendo em vista que sempre terão alunos novos que talvez não estejam interessados do assunto. É importante uma maior flexibilização das datas de entregas de trabalhos, assim como minimização do número e da extensão das atividades por semestre, para que os alunos não se sintam tentados a plagiar a fim de satisfazer os requisitos exigidos (ALAM, s.d).

Informações claras devem ser repassadas aos alunos quanto aos critérios de avaliação, bem como instruções a respeito da realização dos trabalhos, o docente deve deixar claro o que se espera de um trabalho. Todo trabalho solicitado deve ser muito bem avaliado pelo professor, a fim de mostrar para o aluno seu verdadeiro interesse pelo mesmo, valorizando aquele aluno que realmente elaborou seu texto (ALAM, s.d).

8. Considerações finais

O problema do plágio no meio acadêmico, em especial na EAD, é visto hoje

como um problema complexo que necessita de uma abordagem partilhada entre instituições, estudantes, funcionários, em especial, docentes, e que acima de tudo seja apoiada por agências externas de qualidade.

É necessário conhecer sobre o fenômeno em questão, para assim facilitar a implementação de estratégias de intervenção destinadas a combater este tipo de desonestidade acadêmica e, conseqüentemente, melhorar o ensino e a aprendizagem.

Apesar de o assunto ser de grande relevância do meio educacional, em especial na EAD, é escasso o número de estudos, principalmente em países da América Latina, que apontem dados quantitativos a respeito da incidência de plágio e das diferentes formas de avaliação.

E apesar de pouco estudo em relação ao plágio e das formas de avaliação, pode-se observar que a partir de um ambiente de aprendizagem interativo e de boas propostas de avaliação, o que demanda docentes comprometidos, é possível minimizar os índices de plágios nas instituições de ensino. Tais propostas devem se centrar no aluno, levando-o a reflexão, conscientização, respeito e ética, para assim se construir uma sociedade mais crítica e justa.

Embora em alguns casos, uma boa proposta de avaliação tenha demonstrado seu efeito benéfico no que se refere à minimização da incidência de plágio, é evidente que por si só ela não extinguirá este mal. Seria ingênuo pensar em uma única solução para um problema tão complexo. Deve-se ter uma importante base teórica e prática, pois não existem soluções universais para todos os problemas.

O assunto não se esgota por aqui. Em detrimento da relevância do tema, propõem-se novos estudos, ainda mais concretos que abordem de forma mais específica este problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, S. P. **O que fazer quando eu recebo um trabalho ctrl c + ctrl v? Autoria, pirataria e plágio na era digital: desafios para a prática docente.** In: 2º SIMPÓSIO SOBRE HIPERTEXTO E TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO. MULTIMODALIDADES E ENSINO, RECIFE, 2008. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Sergio-Abranches.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2010.

ALAM, L.S. **Is plagiarism more prevalent in some form of assessment than others?** APPOLINÁRIO, F. **As etapas do trabalho científico.** In: Metodologia da ciência: Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. Cap.VI, p.73-83.

BREEN, L.; MAASSEN, M. **Reducing the incidence of plagiarism in an undergraduate course: The role of education.** Issues In Educational Research, v. 15, n. 01, p. 1-16, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.iier.org.au/iier15/breen.html>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

CHARTIER, A.M. **A escrita na escola e na sociedade: os efeitos paradoxais de uma distância constatada.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A LEITURA E ESCRITA NA SOCIEDADE E NA ESCOLA, BRASÍLIA, 1994. Anais... Belo Horizonte:

Fundação AMAE para Educação e Cultura, p. 149-162, 1994.

CRISP, G. **Staff attitudes to dealing with plagiarism issues: Perspectives from one Australian university.** International Journal for Educational Integrity, Austrália, v. 3, n. 1, p. 3-15, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.ojs.unisa.edu.au/journals/index.php/IJEI>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

DIEKHOF, G. M. et al. **College cheating: ten years later.** Research in Higher Education, v.37, n. 4, p. 487–502, 1996. Disponível em:<<http://www.ascilite.org.au/conferences/perth04/procs/alam.html>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

EAST, J. **The problem of plagiarism in academic culture.** International Journal for Educational Integrity, Austrália, v. 2, n. 2, p.16-28, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ojs.unisa.edu.au/journals/index.php/IJEI/>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

FERRAZ, S. O. S.; **Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade?** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.38, p.357-368, maio/ago. 2008.

FRANCO, L. R. H. R.; MILANEZ, J. R. C.; SANTOS, F. A. O. **Implantação de um software detector de plágio para análise das questões dissertativas do ambiente virtual de aprendizagem TelEduc.** Revista Brasileira de aprendizagem Aberta e a Distância, v.07, 2008. Disponível em:<http://www.abed.org.br/revistacientifica/_b

[razilian/edicoes/2008/2008_Edicao_pesquisa.htm](http://www.abed.org.br/revistacientifica/_brasilian/edicoes/2008/2008_Edicao_pesquisa.htm)>. Acesso em: 01 jun. 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
HOLLINGER, R. C. & LANZA-KADUCE, L. **Academic dishonesty and the perceived effectiveness of countermeasures: an empirical survey of cheating at a major public university.** NASPA Journal, v.33 n. 4, p. 292–306, 1996.

KARLINS, M. et al. **An empirical investigation of actual cheating in a large sample of undergraduates.** Research in Higher Education, v. 29, n 4, p. 359–364, 1988.

MACDONALD, R.; CARROLL, J. **Plagiarism - a complex issue requiring a holistic institutional approach.** Assessment & Evaluation in Higher Education, Reino Unido, v. 31, n. 2, p. 233-245, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.his.se/PageFiles/30173/Plagiarism.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: usos, características e possibilidades, Caderno de pesquisa em Administração.** São Paulo, v.3, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2010.

NORRIS, R. **Dealing with plagiarism at a Japanese university: a foreign teacher's perspective.** The East Asian Learner, Japão, v. 3, n. 1, maio 2007.

OLIVEIRA, E. S. G. et al, 2005. **A avaliação na educação a distância: reflexões e estratégias para o ensino universitário.**

Disponível

em:<<http://www.abed.org.br/congresso2005/po/r/pdf/207tcc3.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

OLIVEIRA, J. P. M.; **Plágio eletrônico e ética.**

Disponível em: <<http://www.palazzo.pro.br>>.

Acesso em: 26 maio 2010.

OLIVEIRA, M. G.; OLIVEIRA, E. **Uma metodologia para detecção automática de plágios em ambientes de educação a distância.**

Disponível em:

<<http://200.169.53.89/download/CD%20congressos/2008/v%20ESUD/trabs/t38679.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

PAIVA, L. F. R. **Avaliação da aprendizagem: pressupostos teóricos e sua prática na educação a distância.** Uberaba: Universidade de Uberaba, 2008.

_____. **Avaliação em educação online e os programas nacionais de avaliação.**

Uberaba: Universidade de Uberaba, 2008.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com alunos on-line.**

Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

PARK, C. In Other (People's) Words: **plagiarism by university students-literature and lessons.** Assessment & Evaluation in Higher Education, Reino Unido, v. 28, n. 5, p.471-488, out. 2003.

SILVA, J. **Avaliação escolar.** Disponível em:

<<http://www.gestaouniversitaria.com/edicoes/2>

[0-18/75-avaliacao-escolar.html](http://www.gestaouniversitaria.com/edicoes/2)>. Acesso em: 26 maio 2010.

SMITH, W. S. **Plagiarism: ethical issues in the learning and teaching relationship.**

Disponível

em:

<http://opvclt.monash.edu.au/calt/quality/SCLT/assets/docs/Academic_Integrity_Wendy_SutherlandSmith.pdf>. Acesso em: 01 jun.2010.

SUREDA, J.; COMAS, R.; MOREY, M. **Las causas del plagio académico entre el alumnado universitario según el profesorado.** Revista Iberoamericana de Educación, Espanha, n. 50, p. 197-220, 2009.

VASCONCELOS, S. M. R. **O plágio na comunidade científica: questões culturais e linguísticas.** Cienc. Cult., São Paulo, v.59, n.3, jul./set. 2007.

Disponível em:

<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000300002&lng=pt&nrm=iso>.

Acesso em: 01 jun. 2010.

ZABALA, A. **Avaliação.** In: A prática educativa: como ensinar, 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.195-221.